

OCORRÊNCIA DE PLANORBÍDEOS PLEISTOCÊNICOS NO MUNICÍPIO DE JACOBINA, BAHIA

L. CLARK LIMA

Departamento de Ciências Biológicas, Escola Nacional de Saúde Pública – FIOCRUZ, Caixa Postal 926, 20001, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Occurrence of pleistocenic planorbids in the municipality of Jacobina, Bahia State, Brazil – We registered *Biomphalaria aff. glabrata* (Say, 1818) from upper Pleistocene (or Holocene) based on paleontologic and stratigraphic data and in agreement with shell morphology. The shells came from Gruta das Onças, district of Caatinga do Moura, Jacobina country, state of Bahia. We also registered one more evidence of the ancient presence of water in the cave, which agree Cartelle & Bohorquez's (1982) hypothesis about the site.

Key words: Pleistocene – Planorbidae – *Biomphalaria glabrata*.

Registramos planorbídeos pleistocênicos provenientes da Gruta das Onças, município de Jacobina, distrito de Caatinga do Moura, Estado da Bahia. As conchas destes planorbídeos foram removidas da referida gruta pela equipe do Paleontólogo Cástor Cartelle, durante escavações realizadas no mês de julho dos anos de 1979 e 1980, sob ossos de *Eremotherium laurillardii* (Lund) Cartelle & Bohorquez, 1982.

A REGIÃO

Planáltica, com aproximadamente 800 m de altitude, localizada a nordeste da Chapada Diamantina (11° 11'S e 40° 33'W) a região pertence à série Jacobina, do Domínio Pré-Cambriano, com cobertura sedimentar Eopaleozóica, sobre embasamento cristalino (Moreira, 1977).

De acordo com Nimer (1977) o clima é do tipo Tropical do Brasil Central, quente, úmido, com período seco de dois meses. Em Jacobina a temperatura média anual é de 23,1°C, sendo a média do mês mais frio de 20,0°C e a altura média de precipitação anual de 1.051,0mm.

A caracterização da hidrografia, segundo Steffan (1977), é condicionada pelo clima. Os rios sertanejos, de regime pluviométrico irregular, são intermitentes ou temporários. Ao precipitar-se, a água evapora-se na sua maior parte, devido ao forte calor, e a sua capacidade de armazenamento no sub-solo é prejudicada em razão dos terrenos rasos e pouco permeáveis. Entre os rios mais importantes, o mais próximo à Gruta das Onças é o Itapecurumirim. Um riacho temporário corre a dois quilômetros da citada gruta.

A vegetação é do tipo caatinga, com árvores e arbustos bastante ramificados, espinhentos, com folhas predominantemente compostas

que caem na estação seca, e plantas suculentas, espinhosas e herbáceas que se desenvolvem depois das chuvas (Kulmann, 1977).

DESCRIÇÃO DO MATERIAL

As conchas, depositadas no Departamento de Ciências Biológicas da Escola Nacional de Saúde Pública – FIOCRUZ, são de coloração esbranquiçada e frágeis. Para nosso estudo de planorbídeos usamos 165 conchas e 26 fragmentos de giros, sendo 82 inteiras com diâmetro e largura variando de 5,0 a 24,5 mm e 2,5 a 7,0 mm respectivamente, e 83 com perístoma e giro corporal quebrados. As características morfológicas destas conchas são as mesmas descritas por Paraense (1975) para *Biomphalaria glabrata* (Say, 1818).

TAXIONOMIA

Phylum Mollusca – Classe Gastropoda – Subclasse Pulmonata – Ordem Basommatophora – Família Planorbidae – Gênero *Biomphalaria* – Espécie *Biomphalaria aff. glabrata* (Say, 1818). Sinonímia: vide Paraense (1975).

DIAGNOSE CONQUILIOLÓGICA

Concha adulta com no máximo 40 mm de diâmetro por 11 mm de largura; seis a sete giros arredondados, bem visíveis, que crescem lentamente em diâmetro; lado direito mais côncavo que o esquerdo e com giro central profundo; sutura bem marcada; periferia arredondada tendendo para a direita; abertura oval (Paraense, 1975). Indivíduos jovens sujeitos a dessecação estacional do ambiente frequentemente apresentam grupos de lamelas no interior da concha (Paraense, 1957).

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Na região onde se situa a Gruta das Onças há grande incidência de *B. glabrata*. De acordo

com Barbosa & Dobbin (1952), esta espécie coloniza coleções d'água sujeitas a secas estacionais. Esta espécie encontra-se, segundo Paraense (1972), no nordeste, entre a costa úmida e o interior semi árido, cedendo lugar à *Biomphalaria straminea* (Dunker, 1848) nos locais de clima seco.

A *B. glabrata* está presente nesta região, associada, conseqüentemente, à xistosomose (Barreto et al., 1964), pois de acordo com este autor, em Caatinga do Moura o índice de infecção humana pelo *Schistosoma mansoni* é de 80% e o de *Cavia aperea aperea* (preá do brejo, animal de hábitos semi-aquáticos) é de 60%

As conchas aqui registradas foram encontradas sob ossadas de um rebanho de *E. laurillardi*, mamífero do Pleistoceno superior ou sub-Recente, a eles acoladas (Cartelle, comunicação pessoal). Os fósseis que estudamos e os dos mamíferos foram localizados na porção mais funda da gruta cujo solo apresentava-se em desnível (Cartelle & Bohorquez, 1982). Os autores citados sugerem uma hipótese que explica a inusitada concentração de um rebanho de animais de campo numa pequena e íngreme gruta. Tal rebanho, composto de 45 indivíduos, lá teria penetrado à procura de água, não podendo retornar ao campo aberto devido à conformação do local. A concentração de planorbídeos aí registrada apoia esta hipótese. *E. laurillardi* é um representante da fauna de mamíferos extinta no final do Pleistoceno ou início do Holoceno. Os planorbídeos localizados sob os ossos fósseis (muitos deles recuperados articulados entre si) (Cartelle, comunicação pessoal) têm, pelo menos, idêntica cronologia.

CONCLUSÕES

a) Descrevemos, com base em evidências paleontológicas e estratigráficas, moluscos do Pleistoceno-superior (ou Holoceno) da Gruta das Onças, município de Jacobina, Estado da Bahia.

b) Identificamos, de acordo com a morfologia da concha, *B. aff. glabrata*.

c) Registramos evidências da presença de água na Gruta das Onças no final do Pleistoceno (ou Holoceno).

RESUMO

Registramos, com base em dados paleontológicos e estratigráficos e de acordo com a morfologia da concha, *Biomphalaria aff. glabrata* (Say, 1818), do Pleistoceno superior (ou Holoceno) da Gruta das Onças, distrito de Caatinga do Moura, município de Jacobina, Estado da Bahia. Registramos também mais uma evidência da antiga presença de água na referida gruta, que apoia a hipótese levantada por Cartelle & Bohorquez (1982) sobre o local.

Palavras-chave: Pleistoceno - Planorbidae - *Biomphalaria glabrata*.

AGRADECIMENTOS

Ao Dr. W. Lobato Paraense e ao Prof. Cástor Cartelle.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, F. S. & DOBBIN, Jr., J. F., 1952. Resistência de *Australorbis glabratus* à dessecação em condições naturais. *Publ. Av. Inst. Aggeu Magalhães, Recife*, 1 (11): 141-143.
- BARRETO, A. C.; SANTOS, I. & OLIVEIRA, V. S., 1964. Epidemiologia da esquistossomose mansônica e infecção natural de *Cavia aperea aperea*. *Rev. Inst. Med. Trop. S. Paulo*, 6 (5): 233-236.
- CARTELLE, C. & BOHORQUEZ, G. A., 1982. *Eremotherium laurillardi* Lund, 1842. Parte I. Determinação específica e dimorfismo sexual. *Ilheringia, Sér. Geol., Porto Alegre*, 7: 45-63.
- KUHLMANN, E., 1977. Vegetação, p. 85-110 In: *Geografia do Brasil*. Fundação IBGE, Rio de Janeiro, vol. 2.
- MOREIRA, A. A. N., 1977. Relevo, p. 1-46 In: *Geografia do Brasil*. Fundação IBGE, Rio de Janeiro, Vol. 2.
- NIMER, E., 1977. Clima, p. 47-84. In: *Geografia do Brasil*. Fundação IBGE, Rio de Janeiro, Vol. 2.
- PARAENSE, W. L. 1957. Apertural lamellae in *Australorbis glabratus*. *Proc. Malacol. Soc. London*, 32 (4): 157-179.
- PARAENSE, W. L., 1972. Fauna Planorbídica do Brasil, p. 213-239. In: LACAZ, C. S.; BARUZZI, R. G. & SIQUEIRA Jr., W. (ed): *Introdução à Geografia Médica do Brasil*. Edgard Blücher & USP, São Paulo.
- PARAENSE, W. L., 1975. Estado atual da sistemática dos planorbídeos brasileiros. *Arq. Mus. Nac.*, Rio de Janeiro, 55: 105-128.
- STEFFAN, E. R., 1977. Hidrografia, p. 111-134. In: *Geografia do Brasil*. Fundação IBGE, Rio de Janeiro, Vol. 2.